

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DE AUTOBIOGRAFIAS COMO FONTES NA PESQUISA HISTÓRICA

*Carla Monteiro de Souza*¹
*Cátia Monteiro Wankler*²

*Ao Jornalista Laucides Oliveira.
(In memoriam)
“Também cerro meu olhos;
não precioso tê-los abertos para vê-la[...].”
(Laucides Oliveira)*

RESUMO: Este artigo apresenta algumas considerações sobre a utilização de autobiografias como fontes na pesquisa histórica. Aborda a relação entre subjetividade e memória na constituição da chamada escrita de si. Destaca que esses textos oferecem visões ímpares no estudo das cidades, possibilitando a constituição de uma história urbana plural e inovadora.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia. Cidade. Memória. História.

ABSTRACT: This article presents some considerations about the use of autobiographies as sources in historical research. Discusses the relationship between subjectivity memory and formation in the so-called self writing. Emphasizes that these texts offer unique views in the study of cities, enabling the creation of a plural and innovative urban history.

KEYWORDS: Autobiography. City. Memory. History.

¹ Doutora em História. Professora do Curso de História e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. E-mail: carlamont59@uol.com.br.

² Doutora em Teoria da Literatura. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. E-mail: cwaukler@uol.com.br.

O presente texto apresenta algumas reflexões acerca da utilização de relatos autobiográficos escritos como fonte no estudo das cidades, ensejadas pelo projeto *Memória e História de Boa Vista na década de 1950* (apoiado pelo CNPq). O projeto tem como objetivo identificar e analisar as modificações ocorridas em Boa Vista quando se torna capital do Território Federal do Rio Branco e ao longo da década de 1950, configurando-as em três níveis: espaciais/urbanísticas, ambientais e sociais/culturais. Visando explicar e compreender essas mudanças, tem como um dos seus pilares a abordagem da memória narrada por antigos moradores.

Para tanto, o projeto constituiu um corpus documental composto de fontes orais: entrevistas com antigos moradores, naturais e migrantes, da cidade e de entrevistas com autores de relatos memorialísticos publicados ou não; fontes escritas: relatos memorialísticos escritos sobre Boa Vista que enfoquem os anos de 1950, jornais, diários e relatórios oficiais, documentos pessoais e outros; fontes iconográficas: fotografias de acervos oficiais e particulares.

Aqui trataremos particularmente dos relatos escritos sobre a cidade de caráter autobiográfico tendo como referencial as discussões sobre a produção e a utilização da chamada “escrita de si” como fonte de pesquisa.

Cumprir destacar que as discussões sobre a utilização dos relatos de memória como fontes não é novidade no Brasil, e a história oral é prova disso. No entanto, nas últimas três décadas, variadas manifestações e expressões da memória proliferaram na pesquisa histórica, abrindo um campo fértil e inovador para historiografia brasileira.

A esse respeito, Sabina Loriga argumenta que em tempos mais recentes cresceu a compreensão entre os historiadores de que “é preciso restabelecer a confiança no testemunho e na possibilidade de acreditar no relato histórico”,³ não sem o exercício

³ LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 18.

da dúvida e da crítica, mas tomando os relatos de memória como documentos válidos e pertinentes na produção do conhecimento histórico.

Tomamos esses textos de caráter autoreferencial por oferecerem visões ímpares da e sobre a cidade, que possibilitam explicá-la e compreendê-la no sentido plural, tendo em vista o que defende Pesavento ao propor o estudo histórico das cidades “como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais”.⁴

Neste aspecto, os registros que imprimem uma identidade e uma memória à cidade ganham importância como fontes. Por meio da sistematização intencional de um conjunto de fatos e acontecimentos considerados relevantes e da construção de significados que a definem como um lugar, esses textos possibilitam leituras inovadoras sobre e da história urbana. Atestam uma “ação social”, que permite compreender a cidade como morada e lugar de muitos, como “obra coletiva”, como “um tecido sempre renovado de relações sociais”.⁵

Nosso objetivo aqui é compartilhar essa experiência de pesquisa, enfocando a obra autobiográfica *Boa vista 1953, uma aventura... Ah, dias de minha juventude...*,⁶ do jornalista Laucides Oliveira, publicada em primeira edição no ano de 2007.

O nosso autor é uma figura bem conhecida e conceituada na cidade de Boa Vista. Notabilizou-se como jornalista em variados veículos de comunicação, foi um pioneiro e militante da imprensa escrita roraimense, bem como do rádio e da televisão locais, exerceu vários cargos públicos, inclusive o de presidente do Conselho Estadual de Cultura, e foi agraciado com várias condecorações e prêmios. Entre os jornalistas, era carinhosamente conhecido como Mestre Lau.

⁴ PESAVENTO, Sandra J. Cidades visíveis, cidades possíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 12-23, jun. 2007.

⁵ PESAVENTO, Sandra J., op cit., p. 14.

⁶ OLIVEIRA, Laucides. *Boa Vista 1953, uma aventura ... Ah, dias de minha juventude...* Boa Vista: Gráfica Real, 2007.

A obra em questão foi escrita ao longo do tempo, no cotejo da memória e de seus inúmeros outros textos: reportagens, crônicas, escritos pessoais. Nela, o autor recorta um período da sua trajetória pessoal (1953-1959), um verdadeiro divisor de águas, pois enseja mudanças que definiram a vida do jovem Laucides em todos os aspectos: ele muda de cidade e de estado, se descobre e se fixa profissionalmente, se apaixona, se casa e constitui família, se reconhece e é reconhecido como um cidadão de Boa Vista. O livro é o registro deste processo complexo e eivado de emoções, algo que o autor faz como dever de memória, mas também com muito prazer e sentimento.

Na breve apresentação do livro, deixa claro seus objetivos:

Esta é a história da minha vida. Da minha juventude. Vida simples de um jovem simples; nenhum fato heroico, nenhum episódio sensacional; apenas as minhas lembranças, do dia em que cheguei a Boa Vista, pela primeira vez, em 1953, com divagações pela minha infância e adolescência – em Minas Gerais e no Rio de Janeiro – ao dia em que embarquei, em 1959, na minha viagem de núpcias. Nada especial, a não ser a terra que descobri e as pessoas que conheci. E que aprendi a amar por toda minha vida.⁷

É o primeiro e único livro do Sr. Laucides, mas, na contracapa da obra, ele anuncia o plano de publicar um outro volume, intitulado *Eu vi o território passar*, empreitada que não pôde ser realizada, pois faleceu no dia 7 de março de 2012. A primeira edição é de 2007 e foi custeada pelo autor com alguns apoios locais; a segunda edição, lançada em 2009, não conta com nenhum apoio. Ambas são edições simples, que não têm a chancela de uma editora; são vendidas nas livrarias de Boa Vista, nas bancas de jornal, nas farmácias e em alguns supermercados, fato que incrementou a sua ampla circulação e aceitação por parte de público.

⁷ OLIVEIRA, Laucides, op. cit., p. 3.

A cidade como objeto

A cidade de Boa Vista é a única capital brasileira inteiramente localizada no hemisfério norte. Torna-se capital do Território Federal do Rio Branco em 1943, quando este é instituído pelo governo Vargas. Tal fato marca o início de um período de reestruturação do espaço urbano, marcado pelo racionalismo, pela modernidade e por rearranjos nas relações sociais e políticas.

O extenso município de Boa Vista localiza-se na porção nordeste do estado de Roraima, em área de savanas, chamada regionalmente de lavrado. É a cidade mais antiga do estado de Roraima, fundada em 1890,⁸ e seus primeiros habitantes foram os índios e os migrantes, principalmente de origem nordestina, atraídos pela pecuária nas áreas de savana e campos naturais, e pelo extrativismo vegetal.

Só para se ter uma ideia do impacto da criação do Território Federal do Rio Branco – que passa a se chamar TF de Roraima em 1962 – na vida da região, a população do então município amazonense do Rio Branco que era de 12.130 habitantes, segundo o censo de 1940, passou para 17.247 habitantes, em 1950, e para 28.304 em 1960, registrando um crescimento demográfico de 4,65%.⁹ As mudanças político-administrativas, as ações visando a efetiva implantação da nova unidade federativa, ocorridas no período de 1943 à 1960, e a vinda de migrantes foram os principais fatores responsáveis por esse crescimento populacional, concentrado em Boa Vista.

As novas funções político-administrativas consolidam a primazia da cidade como o único centro urbano da região. O interior do território seguia ocupado por comunidades indígenas e rarefeita população não-índia, enquanto a cidade reforçava a sua posição central definida historicamente, cuja origem remonta

⁸ GUERRA, Antônio Teixeira. *Estudo Geográfico do Território do Rio Branco*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1957.

⁹ SOUZA, Carla Monteiro de. *Gaúchos em Roraima*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção História, 42)

ao século XIX pela preponderância socioeconômica da atividade pecuária e a instalação da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, base para as atividades de missionários e da Igreja Católica. Este aspecto condiciona a vida da cidade até os dias de hoje, tendo em vista que ela concentra cerca de 65% da população estadual e vem crescendo e se desenvolvendo de maneira descontínua, estimulada notadamente pelos picos econômicos e pelas conjunturas políticas. Nas últimas duas décadas, Boa Vista vem se expandindo de forma desordenada e desigual e se modificando rapidamente. Ainda que em relação a outras capitais seja uma cidade de dimensões modestas, no contexto local, contudo, é uma centralidade extrema, pois hegemoniza os serviços públicos e privados, as atividades econômicas, administrativas, políticas e culturais do estado.

Segundo Barros, esta primazia, a partir de 1943, pode ser representada principalmente pela instituição de uma burocracia urbana e de repartições públicas civis e militares, que se instalam na nova capital com a criação do Território Federal, e pela crescente dependência dos recursos federais, situação que inicia um processo de mudanças nas relações sociais como um todo. Junto a isso, a descoberta de garimpos em áreas no interior, nos anos de 1930, e já plenamente implantados neste período, colaborou no rearranjo das relações espaciais, ambientais, sociais e econômicas em Boa Vista,¹⁰ localidade que passa a sediar as atividades decorrentes desses dois fatos.

A instalação da sede administrativa do novo Território Federal iniciou um período de reestruturação do espaço urbano de Boa Vista. À antiga cidade, localizada às margens do rio Branco, se impõe um plano urbanístico planejado, que é gestado em 1946 e que se completa ao longo das duas décadas seguintes. A elaboração do novo plano urbanístico da cidade, que deveria ser efetivado no período de 1944 à 1950, ficou a cargo do engenheiro carioca Darcy Aleixo Derenusson. A nova capital teria um traçado de integração urbana, no formato “radial concêntrico”, no qual de

¹⁰ BARROS, Nilson C. Crocia de. *Roraima: paisagens e tempo na Amazônia setentrional*. Recife: Editora Universitária (UFPE), 1995. p. 148-149.

uma praça circular, que reuniria os edifícios sede dos três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – partiriam avenidas radiais, extremamente largas, nas direções norte, sul e oeste. Idealizado pelo primeiro governador do Território Federal do Rio Branco, o Capitão Êne Garcez dos Reis, o traçado urbano dado ao novo centro urbano teve Belo Horizonte como inspiração.¹¹

O racionalismo e a modernidade que impregnaram o projeto, e que também nortearam outros projetos urbanos da época, como Goiânia e Brasília,¹² visava criar uma capital moderna no extremo norte que, no dizer de Barros, marcasse a presença do governo central na fronteira norte do Brasil. Ainda que o processo de implantação desse projeto urbanístico tenha sido lento, nota-se que no seu cerne havia a preocupação de que ele seria crescente e permanente, como de fato o foi.

A observação de fotos aéreas das décadas de 1950 e 1960 mostra que a parte nova da cidade foi edificada a partir das bordas da cidade que já existia, localizada às margens do Rio Branco. O traçado em formato de leque estabeleceu os vetores de crescimento da cidade e orientou expansão urbana voltada para o “interior” que se mantém até os dias de hoje. Nesse sentido, é voz corrente que a cidade cresceu “de costas” para o rio Branco, tendo em vista que, apesar de algumas mudanças realizadas na cidade preexistente, seu crescimento está orientado e efetivado lavrado adentro.

Como aponta Veras, a familiaridade do plano urbanístico de Boa Vista com o de Belo Horizonte “está na integração das funções urbanas com suas radiais convergindo para o Centro Administrativo”, na presença de áreas públicas, como praças e jardins, nos imperativos de higienização e na circulação, com suas largas avenidas.¹³

¹¹ VERAS, Antônio Rezende Tolrino. *A produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima*. 2009. 235 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 95.

¹² OLIVEIRA, Reginaldo Gomes. *A herança dos descaminhos na formação do estado de Roraima*. 2003. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 168.

¹³ VERAS, Antônio Rezende Tolrino, op. cit., p. 119

A intenção clara de povoar essa afastada fronteira, instituindo uma cidade moderna estruturada para o cumprimento de uma função político-administrativa que deveria articular o local/regional e o nacional, pode ser percebida na entrevista concedida ao jornal Gazeta de Roraima, em 1991, pelo engenheiro Darcy Derenusson, na qual, do alto dos seus 74 anos, avaliava que o significado do traçado em radiais não foi meramente técnico, mas também político.

Na época em que foi projetada a planta da cidade de Boa Vista (1944-46) estávamos no fim de uma guerra. [...] Mais do que simples radiais, mais do que um simples leque, seria a própria alma brasileira, presente, com o corpo e o coração, para garantir a integridade de nossos limites. E, portanto, o sistema radial é o símbolo de união territorial, social, linguístico e ideário do povo brasileiro do Extremo Norte.¹⁴

Segundo Veras, o trabalho realizado por Derenusson envolveu um conjunto de tarefas e ações prévias, mas as obras só foram iniciadas em 1946, “o traçado radial concêntrico só foi ocupado em sua totalidade no final da década de 60”. O geógrafo aponta as várias crises políticas a nível nacional, os interesses e conflitos das elites locais e a descontinuidade política nas nomeações e nas gestões dos governadores como os principais aspectos causadores desse longo período de implantação.¹⁵

A modernidade do plano urbanístico de 1946 conferiu a Boa Vista um ar de planejamento e urbanidade ainda inédito nas capitais da Amazônia. A efetiva instalação do território incrementou as migrações para a região. Ainda que muitos viessem ao Rio Branco em busca de terras, pode-se dizer que Boa Vista passa a ter atrativos especiais como nova capital.

Verifica-se um expressivo aumento da taxa média relativa de urbanização da população residente no então território, que

¹⁴ VERAS, Antônio Rezende Tolrino, op. cit., p. 128

¹⁵ VERAS, Antônio Rezende Tolrino, op. cit., p. 115-102

passou de 11,6%, em 1941, para 28,33%, em 1950. Se o censo de 1940 contou 1.159 habitantes no município, o de 1950 indicou 5.132.¹⁶

Este crescimento demográfico é decorrente das ações voltadas para a ocupação da grande área do território, considerado despovoado e uma fronteira vulnerável pelo governo central. A fundação das primeiras colônias agrícolas Fernando Costa, Braz Aguiar, Coronel Mota e Santa Maria do Boiaçu, criadas com a justificativa de prover a capital de gêneros alimentícios, foi uma das ações direcionadas para isso.¹⁷ Tal e qual as atividades garimpeiras, as de colonização tiveram em Boa Vista seu ponto de apoio.

Noutro sentido, a cidade passa a receber os quadros que vinham compor o funcionalismo público civil e militar da nova unidade federativa, profissionais e toda sorte de pessoas que vinham tentar a vida na região. Estes novos atores sociais se estabelecem em uma cidade acanhada, geograficamente isolada do resto do país pela ausência de estradas e de rotas fluviais, com um sistema de comunicação incipiente e precário, hegemônica social e politicamente por algumas famílias autointituladas “pioneiras”, por fazendeiros ligados à pecuária e por fortes setores da Igreja Católica.

As mudanças físicas e ambientais, com a ocupação das áreas cada vez mais afastadas da beira do rio Branco, passam pela expansão do perímetro urbano, pela construção de novos prédios públicos, pela expansão do arruamento, pela ampliação do abastecimento de água. Foram implantados o transporte aéreo comercial, a Rádio Difusora de Roraima, o primeiro curso de magistério e foram instalados o aeroporto e o primeiro hotel.¹⁸

Contudo, o que mais nos interessa abordar são as mudanças nas relações sociais. É aí que os livros que tratam de trajetórias pessoais, como o de Laucides Oliveira, os de apontamentos

¹⁶ IBGE. Censos Demográficos de 1940 e 1950. Disponível em: <www.ibge.gov.br>.

¹⁷ BARROS, Nilson C. Crocia de, op. cit.

¹⁸ OLIVEIRA, Reginaldo Gomes, op. cit.

e relatos históricos, como o de Dorval de Magalhães e Olavo Viana Braga, e os de crônicas, como o de Walmir Pimentel, ganham relevância. Junto as entrevistas orais com idosos, eles documentam essas mudanças por meio da memória narrada (oral e escrita).

Acreditamos que, ao trazerem a dimensão do vivido, essas obras corroboram a ideia de que a década de 1950 foi um período decisivo na configuração das relações e práticas que fundamentam a sociedade roraimense e boavistense na atualidade.

O livro como fonte

Cinquenta e quatro anos após desembarcar no pequeno aeroporto de Boa Vista, Laucides Oliveira publica seu livro *Boa Vista 1953 uma aventura... Ah dias da minha juventude...* Na introdução, explicita o objetivo do livro: um relato descompromissado de suas lembranças, no período que vai da sua chegada à capital do Território do Rio Branco ao seu casamento com Dona Clotilde, uma “filha da terra”, sua amada e companheira desde então. Aborda, portanto, um período definidor na vida pessoal e profissional do autor, marcando seu estabelecimento na vida adulta.

Os interesses e os estímulos que moveram o jornalista Laucides Oliveira a relatar as experiências e impressões dos seus primeiros anos na cidade de Boa Vista (RR) estão presentes por todo lado e, de modo geral, impregnam a sociedade contemporânea. Segundo Ângela de Castro Gomes, no ensaio *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*, há um bom tempo identificamos um interesse muito grande por esse gênero de escrita, que podem ser os diários, as correspondências, as biografias, e as autobiografias, independentemente de serem memórias, entrevistas de história de vida etc., denominados genericamente de “escrita de si”.¹⁹

¹⁹ GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7.

A autora define a escrita de si como uma manifestação exemplar do individualismo moderno, visto que “a escrita auto-referencial ou escrita de si integra o conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental”, ou seja, como uma série de práticas e manifestações de certa relação entre o indivíduo e seus documentos.²⁰

Na contemporaneidade, essas práticas passam por uma escrita de si, digamos, mais densa, como as autobiografias, as cartas e os diários, e pela constituição de uma “memória de si”, que se dá através do “recolhimento de objetos pessoais, com ou sem a intenção de resultar em coleções”.²¹ Observa-se de forma crescente a adoção das formas virtuais de expressão de si em hipertexto, como os blogs, sites de relacionamento, páginas pessoais etc.

Neste aspecto, Gomes explica que o espaço privado desempenha cada vez mais o papel de “teatro da memória”, ou seja, o de um espaço que guarda registros “que materializam a história do indivíduo e dos grupos a que pertence”. Como em um cenário construído, esses “atos biográficos” dotam o mundo de significados especiais,²² particularizando e identificando quem ali vive ou viveu.

A narrativa se inicia quando, no auge da juventude, em março de 1953, com apenas vinte e um anos de idade Laucides de Oliveira, vindo de sua cidade natal, Rio de Janeiro, chega à Boa Vista para reencontrar seu pai, um empresário do ramo de extração e venda de diamantes, recém estabelecido em Roraima.

Expectativas e dúvidas na chegada. O estranhamento se mostra quando o relato exprime sua insatisfação, já que a cidade que viu ao vivo não condisse com aquilo que viu nas grandes revistas da época, como *O Cruzeiro*, *Manchete* e *Seleções*.

Nessa parte inicial do livro retoma a sua infância e adolescência em família, marcadas pela arriscada e inconstante

²⁰ GOMES, Angela de Castro, op. cit., p. 10.

²¹ GOMES, Angela de Castro, op. cit., p. 11.

²² GOMES, Angela de Castro, op. cit., p. 11.

atividade de dono de garimpo exercida pelo. Nesta parte inicial, o autor nos informa sobre os motivos da vinda para Boa Vista.

A cidade que o narrador encontra é uma cidade acanhada, localizada à beira do rio Branco e composta por poucas ruas. E isto fica claro quando ele se dá conta de que “apesar da firmeza de minha decisão” de mudar para Boa Vista, sentia-se “tomado por dúvidas: o que eu sei desta terra, ou da sua gente?”.²³

As impressões iniciais de Boa Vista e de seus habitantes são relatadas de forma realista e, em alguns momentos, pormenorizada. Seu Laucides descreve o aeroporto, as ruas e praças, o comércio, residências e escolas, a zona do meretrício. Fala sobre a precariedade da infraestrutura local e, ainda, dá os primeiros indícios das relações de poder que norteiam o dia a dia da capital do então Território Federal do Rio Branco, aspectos que aparecerão ao longo de toda obra.

Nosso narrador frequenta pelo menos três áreas de garimpo de diamante ao mesmo tempo, que conhece e se estabelece na pequena Boa Vista, é nessa época que importantes mudanças estão em curso. Dedicava vários capítulos a esses dois modos de vida para ele inteiramente novos.

Seu Laucides descreve, ora de forma romântica, ora de forma realista, pessoas, hábitos, profissões, atividades econômicas, culturais e de lazer, e a infraestrutura urbana. Junto a isso, fica claro no texto que os primeiros tempos em Roraima são de puro estranhamento e de novidades, mas também de autoconhecimento.

A partir de 1954, a cidade de Boa Vista passa a ser vivida de forma mais constante e intensa. O autor se preocupa em descrever ruas, casas, bairros, pessoas, hábitos e a política. A leitura nos induz a pensar que a vida na capital era interessante e intensa se comparada àquela experimentada nas inóspitas áreas de garimpo: a vida noturna, os bailes, pessoas bonitas, alegres, a sorveteria, o cinema, o *footing* na praça, ainda que a cidade fosse modesta e de poucos recursos.

²³ OLIVEIRA, Laucides, op.cit., p. 16.

A partir dessa parte do livro, a narrativa permite observar que as reviravoltas na vida do autor se cruzam com as mudanças que ocorrem em Boa Vista. Fica evidente aqui um dos aspectos mais importantes que norteia a produção desse tipo de escrito, definido por Gomes como a necessidade do indivíduo de identificar-se por meio da “fabricação” de uma trajetória contínua e harmônica, manifestação da “ilusão de linearidade e coerência” que confronta a incompletude e a fragmentação da existência.²⁴

Nesse sentido, é inevitável pensar no alerta de Bourdieu acerca do que chamou de “ilusão biográfica”, ou seja, da “preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência, uma constância” de si, por meio do estabelecimento de “relações intelegíveis”²⁵ que ordenam o relato autobiográfico. Por meio de um texto estruturado em capítulos curtos, encadeados cronologicamente, elaborados no fluxo descontínuo, inconstante e seletivo da memória, nosso autor organiza fatos, episódios, acontecimentos e relações que dão sentido à sua existência e a da cidade que enseja e sedia a rememoração.

Os nexos entre o vivido e o narrado não são arbitrários ou intuitivos, antes constituem uma estratégia para conferir credibilidade e confiabilidade ao que está sendo relatado, um tipo de tática, para burlar a incoerência e a incompletude intrínseca ao ato de transpor para o papel a vida vivida. Como diz Bourdieu, ao dar vazão a essa propensão de “tornar-se o ideólogo de sua própria vida”, o narrador seleciona certos acontecimentos em função de um objetivo ou “intenção global” e estabelece entre eles conexões que lhes dão coerência.²⁶

Assim, o tempo de vida registrado na autobiografia é a um só tempo linear e descontínuo. Se, em boa parte dos casos, a narrativa se organiza cronologicamente, buscando configurar um

²⁴ GOMES, Angela de Castro, op. cit., p. 13.

²⁵ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Coord.). *Usos e abusos da História Oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 184.

²⁶ BOURDIEU, Pierre, op. cit., p. 185.

todo coerente para o leitor e, principalmente, para o seu autor, a fragmentação e a decomposição das experiências vividas é evidente. O narrador recorta, seleciona e organiza o conteúdo da narrativa segundo um “programa”, talvez um script, configurado principalmente com objetivo identitário.

No início do seu relato, observando a cidade do avião que o trouxe a Boa Vista, em março de 1953, o Sr. Laucides diz que “ainda do alto dá pra ver que a cidade é pequena e deve ser bem pobre”, chegando mais perto “dá pra ver umas poucas casas e umas poucas ruas, na maioria curtas, de terra batida, algumas tortuosas, à beira do rio, largo, bonito, cheio de praias, mas quase seco”.²⁷ Ao longo da narrativa, porém, essa primeira impressão vai ganhando novos significados, não só porque a cidade de fato está mudando, mas, e principalmente, porque nosso autor pouco a pouco vai se integrando a ela, criando vínculos, inclusive sentimentais com sua amada D. Clotilde.

Este aspecto ganha relevo quando nos debruçamos sobre a forma narrativa. Levando em conta o que afirma José Luis Jobim, quando diz que a criação do texto não é apenas privada, “não pertence à esfera exclusiva de uma subjetividade autônoma”, e que esta não pode ser tomada como a “responsável absoluta por sua invenção”,²⁸ ainda que na autobiografia a subjetividade seja a marca registrada, não só em função de seus conteúdos e objetivos, mas, e principalmente, pela maneira como é construído o texto e a narrativa, isto é, por meio da mediação entre memória e linguagem.

Contudo, isso não deve ser tomado como demérito ou como obstáculo na adoção da autobiografia como fonte, pois como argumenta Jobim “por mais *engenhoso* ou *criativo* que se pretenda”, o narrador visa sempre o leitor, este “membro de uma certa comunidade”. Por isso, lança mão de recursos narrativos socialmente disponíveis para atingir seu intento, sendo produto

²⁷ OLIVEIRA, Laucides, op. cit., p. 9.

²⁸ JOBIM, José Luis. *As formas da teoria: sentidos, conceitos, políticas e campos de força nos estudos literários*. 2. ed. Rio de Janeiro: Caetés, 2003. p. 149.

final, portanto, uma construção pertencente a uma cultura, inscrita em “uma história social”, inserida em “um sistema de convenções, que regulam inclusive sua forma, seu gênero etc.”.²⁹

O autor conduz a sua narrativa, ora de forma mais sentimental e poética, ora de forma descritiva, realista. Os capítulos curtos em boa parte apresentam “viradas”, ou seja, chamadas para o que virá a seguir. O personagem principal é a memória, a lembrança, o que passou, mas que ainda está presente, mesmo que o autor se abstenha de qualquer comentário sobre a atualidade.

Nas memórias do senhor Laucides alguns lugares têm lugar de destaque. Descreve-os sob vários aspectos, arquitetônico, urbanístico, econômico; explica as suas funções e usos, e avalia a sua importância social e cultural no contexto da cidade daquela época. Tal como explica Ecléa Bosi, compõe uma “história cronológica” peculiar às biografias, e ao nos avisar que está “mapeando” a cidade e ao nos convidar para “conhecer a cidade mágica” expõe uma “outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo”, na qual as paisagens são “marcos no espaço onde valores de adensam”.³⁰

Ao situar em prédios, residências e construções o autor descreve a cidade em reformulação e neste contexto posiciona pessoas, famílias e grupos sociais. A “cidade mágica” evocada pela memória do nosso narrador é um lugar de gente simples e gentil, e é rememorada de forma afetiva e idealizada: “quase todo mundo é parente mesmo [...] Boa Vista é a última cidade inocente do Brasil! Uma verdadeira Shangri Lah!”.³¹

Na metade do livro a relação de amor do nosso autor para com a cidade está em franco desenrolar. Os vínculos com o lugar e sua gente estão cada vez mais fortes, diz ele: “afinal, tudo o que eu quero na vida está aqui: um trabalho compensador, junto a meu pai; esperanças e um futuro que eu posso antever e ajudar a

²⁹ JOBIM, José Luis, op. cit., p. 149.

³⁰ BOSI, Ecléa. *O tempo vivido da memória: ensaios de psicologia social*. 2. ed. São Paulo: Atelier Editorial, 2003. p. 23.

³¹ OLIVEIRA, Laucides, op. cit., p. 68.

construir; uma cidade que não só acolhe você, mas que também o absorve e o torna – simplesmente o torna – ‘mais um’ da sua gente”.³²

Faz anotações relevantes para o entendimento do que era a cidade no período de 1953 à 1959. Avalia que as oportunidades eram muitas, para si mesmo e para outros, e esse sentimento de pertencimento se torna cada vez mais forte após uma temporada no Rio de Janeiro, onde o narrador se sente deslocado e saudoso.

Após o seu retorno à Boa Vista, em 1955, senhor Laucides se coloca no centro de todas as ações, intercalando o relato de episódios considerados relevantes na vida da cidade com aqueles da sua vida pessoal. Segundo o que nos apresenta, ele participa ativamente de tudo que acontece na capital do Território, adquirindo um protagonismo em relação à sua própria vida, pois se torna cada vez mais um adulto de fato e de direito, e à vida daquela Boa Vista que se modifica.

Como afirma Bosi, “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história”.³³ Assim, fatos, espaços e lugares passam a refletir a vida de quem ali vive ou viveu, assim como seus referentes sociais e culturais, sendo observável uma personalização dos espaços, que podem ser “lidos” tanto na dimensão subjetiva/privada como coletiva/social.

Mais para o final do livro o autor destaca a presença e a influência cada vez mais intensa do poder público nas relações sociais, políticas e de trabalho, leia-se do governo do Território articulado ao poder central, emanado do Rio de Janeiro.

Cada vez mais um conhecedor da cidade e de seus meandros, relata e comenta fatos e episódios que atestam e esclarecem sobre a crescente hegemonia do poder público na vida urbana local. Isso fica bem delineado quando conta sobre o seu contato com o que chamou de “alinhamento político que

³² OLIVEIRA, Laucides, op. cit., p. 76.

³³ BOSI, Ecléa, op. cit., p. 70.

divide as famílias e pessoas”.³⁴ Demonstra que passa a se fazer parte das relações políticas locais, ao sentir cada vez mais de perto as contradições e conflitos, ao descrever com tintas fortes o que chamou de “separatismo político”.

Com o passar do tempo as mudanças em curso na vida do próprio autor, na cidade, principalmente, na sua relação e vínculos com a cidade e a sua integração cada vez maior com a sociedade local ficam mais explícitas na narrativa

A partir do ano de 1957, a relação de Laucides com a cidade de Boa Vista está definitivamente consolidada. Já está namorando Clotilde – filha do ex-governador e então prefeito da capital, Aquilino Duarte – e começa a trabalhar no serviço público na Divisão de Obras do Governo, no cargo de desenhista industrial, o que marca novos e definitivos vínculos com a sociedade local e com o poder estabelecido. A narração de sua participação em alguns episódios, como a inauguração da Rádio Difusora Roraima, mostram a sua vinculação cada vez mais estreita com a cidade e a vida cultural do lugar.

O livro se encaminha para o final quando o senhor Laucides conta sobre o dia a dia da política local, enfocando a campanha eleitoral para escolha de deputados territoriais em 1958. A inocência dos primeiros tempos, percebida claramente no início da obra, idealizada pelo deslumbramento e pela descoberta, dá lugar a constatações bem realistas sobre a sociedade local e sobre o seu papel na vida da cidade.

Depois das eleições, nas quais seu candidato foi o vencedor, casou-se com D. Clotilde em maio de 1959. O capítulo sobre o seu matrimônio encerra a livro, funcionando como uma espécie de marco, de fecho de uma fase da vida, definidora, e que aponta para a estabilidade preconizada para a vida adulta. Nosso autor se esmera para dizer que se sente imensamente feliz por ter casado com a mulher amada e por estar na sua tão querida Boa Vista, cidade que adotou e na qual construiu sua carreira e sua família.

³⁴ OLIVEIRA, Laucides, op. cit., p. 49.

Considerações finais

Segundo a perspectiva narratológica, explicitada por Yves Reuter, “em todas as narrativas, o narrador, pelo próprio fato de contar, assume duas funções básicas: a função narrativa (ele conta e evoca um mundo) e a função de direção e de controle”,³⁵ ou seja, ele controla a criação, a elaboração e a formatação do texto.

No tocante a “quem fala e como fala”, a abordagem das vozes narrativas “remete às relações entre o narrador e a história que ele conta”. Neste terreno, “não existe nas narrativas uma relação mecânica entre contar e perceber: aquele que percebe não é necessariamente aquele que conta e vice-versa”.³⁶ Se por um lado esta visão formalista não dá conta da abordagem das autobiografias como textos literários, por outro, nos fornece elementos interessantes para pensar a questão.

Mas o que devemos considerar, em primeira instância, é que todo escritor deseja ser lido e que são os seus desejos e objetivos que norteiam o processo de concepção da obra. Existiria uma espécie de programa narrativo, que no caso das autobiografias passa pelas identidades³⁷ e pela trajetória individual e social de seu autor.

Como em toda narrativa, também o texto autobiográfico é uma construção mediada pela subjetividade e pela cultura. Nesse mister, seu autor desempenha um duplo papel, é personagem/narrador, e uma dupla função, autor/texto. Gomes identifica duas visões correntes sobre essa sensível e complexa relação: uma coloca o texto como uma “representação do seu autor”, como a busca por materializar e consolidar uma identidade; a outra

³⁵ REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção, a narração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007. p. 64.

³⁶ REUTER, Yves, op. cit., p. 69-72.

³⁷ Ver: *identidades múltiplas*, de acordo com HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

concebe o autor como uma “invenção do próprio texto”,³⁸ ou seja, ele mesmo como autor e personagem, produto da própria narrativa.

Voltando aos narratólogos, todo narrador conta, direciona e controla sua narrativa, o que nos faz pensar que na produção do texto autobiográfico haveria uma espécie de situação limite, na qual num movimento incessante personagem e narrador se afastariam e convergiriam.

Ainda nesta questão, Gomes defende que na chamada “escrita de si” o indivíduo/autor não precede nem procede do texto, mas que texto e autor se criam simultaneamente, por meio do processo de “produção do eu”, objeto primeiro da própria existência do texto.³⁹ Neste sentido, esta posição norteou a leitura da obra de Laucides Oliveira e vem possibilitando o seu uso como fonte para a produção historiográfica sobre Boa Vista.

A “fabricação” dessa trajetória coerente e contínua materializada no texto autobiográfico requer que o autor ordene e arranje o conteúdo narrado de forma que este tenha um significado, para o autor e para os seus leitores. A sobreposição de funções autor/personagem/protagonista, imprime uma ambigüidade, ora latente, ora manifesta no texto. No entanto, voltando aos argumentos de Jobim para fundamentar a sua validade como fonte anteriormente citados, “se é possível considerar a hipótese de uma invenção radical” da narrativa, também é possível presumir que ela não será também ininteligível,⁴⁰ pois isso contrariaria a sua própria razão de ser como narrativa e como texto.

Assim, o que dá estabilidade, coerência e validade às autobiografias é o seu caráter sincero e verdadeiro manifesto no texto e no intento primordial do autor, isto é, contar-se, fixar a sua existência temporal e espacialmente. Ser sincero e verdadeiro são os aspectos que conferem a este tipo de narrativa, o estofamento ético e autêntico que as qualifica como fontes para a construção do conhecimento histórico.

³⁸ GOMES, Angela de Castro, op. cit., p. 15.

³⁹ GOMES, Angela de Castro, op. cit., p. 15.

⁴⁰ JOBIM, José Luis, op. cit., p. 150.

Como afirma Calado, na escrita autobiográfica existe um certo “pacto de sinceridade”. Esta propriedade inerente requer que a sua abordagem não privilegie o aspecto informativo e comprobatório, pois “todo texto autobiográfico é verdadeiro naquilo que se propõe: narrar determinados acontecimentos ou fenômenos a partir de uma ótica muito particular”, o que nos permite uma “compreensão mais abrangente, mais complexa”,⁴¹ referenciada também em uma perspectiva afetiva e sensível que perpassa os relatos de memória.

E senhor Laucides deixa bem claro na breve apresentação de seu livro reproduzida acima, que quer contar apenas a história da sua vida, ressaltando a importância de Boa Vista como lugar, como palco e cenário de sua “vida simples”. No trabalho da memória e da linguagem, a cidade narrada pelo nosso autor, de forma realista ou idealizada, é a cidade vivida e não um lugar inventado.

A cidade que muda em todos os aspectos se assemelha ao rapaz que se torna homem, um adulto. O senhor Laucides narra a cidade e nos mostra também o seu crescimento pessoal, por meio da organização de uma trajetória feita de escolhas, contingências, paixões, afetos, alegrias, contradições e conflitos. Ora de forma sentimental, poética, ora de forma descritiva, objetiva, verossímil, produz uma narrativa que claramente busca ser fiel à si mesmo e à cidade que conheceu e viveu tão intensamente, a cidade que escolheu e na qual viveu até o seu falecimento, no dia 7 de março de 2012.

Segundo Sandra Pesavento, “literatura e história são narrativas que têm o real como referente para confirmá-lo o negá-lo”. Embora muito diferentes entre si ambas tecem sobre o real uma versão, ultrapassando-o, conferindo-lhe significados plurais.

A fecundidade das autobiografias como fontes na constituição de uma história das cidades vincula-se ao fato de que esses textos são elaborações e reelaborações sensíveis, que transformam a cidade vivida e narrada num “lugar”, em um espaço “portador

⁴¹ CALADO, Eliana A. de Freitas. Da história ou da literatura? O limbo das autobiografias. *SAECULUM – Revista de História*. João Pessoa, v. 20, p. 103-110, jan./jun., 2009.

de um significado e de uma memória”,⁴² em um espaço real e, também, imaginado, concebido no fluxo do tempo e dotado de uma temporalidade só sua. Na narrativa abordada a trajetória de Boa Vista se cruza e, por vezes, se confunde com a do Sr. Laucides, e acreditamos ser este o objetivo maior do autor.

Nesse sentido, a obra de Laucides Oliveira tem funcionado como um fio condutor que orientou a recolha e a abordagem de um conjunto variado de fontes, um importante elemento de articulação na pesquisa, pela riqueza do seu conteúdo e pela intensidade e sensibilidade da narrativa. Cumpre, portanto, um duplo papel: como uma espécie de mapa e como fonte, fecunda e preciosa na construção de uma explicação sobre as mudanças ocorridas na cidade no período enfocado e, também, na compreensão dos seus significados para a Boa Vista de ontem e de hoje.

Recebido em: 14/3/2011

Aprovado em: 9/5/2012

⁴² PESAVENTO, Sandra J., op. cit., p. 14-16.